XXVI ANNO PORTO, 1 DE MARÇO DE 1904 NUMERO 5

O Progresso Catholico

RELIGIÃO E SCIENCIA—LITTERATURA E ARTES

Condições da assignatura—Sem brinde: Por anno, Portugal e Hespanha, 800 reis; India, China e America, 1$200 reis. Com brinde: Portugal e Hespanha, 1$000 reis. Numero avulso, 100 reis.

Administrador e editor: **José Fructuoso da Fonseca**—Redacção, administração e officinas typographicas, Picaria, 74—Publicações, preços convencionaes.

SUMMARIO: — Questões Actuaes: *As más leituras.* — Documentos Pontificios:—*Motu proprio de Sua Santidade Pio X sobre a musica sacra.* — *Provisão de S. Ex.ª Rev.ma o Snr. Bispo do Porto* (conclusão — Apontamentos Historicos: *Cemiterios, II,* por A. Moreira Bello.—Egreja Portuense: *Catalogo dos Bispos do Porto* (conclusão). — Notas Sociaes: *Socialismo e anti-clericalismo* (de Max Turman)—As Nossas Gravuras.—De tudo um pouco.—Retrospecto da Quinzena.

Gravuras: *Leão X* (copia d'um quadro de Raphael—museu do Vaticano); *Mosteiro de Tibães; Tentação de Jesus no deserto,*

Leão X

(Copia d'um quadro de Raphael—*Museu do Vaticano*)

QUESTÕES ACTUAES

A má imprensa

E' da maxima importancia, principalmente no nosso meio jornalistico, fazer se notar a cada passo o nefasto influxo que exerce sobre os seus leitores a má imprensa.

Esta inventa mil estratagemas para alcançar os seus fins; verdadeiro camaleão da fabula, veste todos os trajos, córa-se de todas as nuances, exhibe-se multiforme, afim de melhor enganar os incautos e illudir os ingenuos.

Por isso é necessario que todo o catholico esteja sempre precavido, mesmo até a julgar pelo peior, fazendo a maior selecção nos livros, jornaes e revistas que tenham de desfilar por debaixo de seus olhos.

A' bôa imprensa compete, pois, não só desfazer triumphantemente os tramas insidiosos da má leitura, mas ainda lançar o signal de alarme, quando esta, surrateira e rastejante, como o reptil venenoso, pretenda instillar a sua baba virulenta e inocular o seu veneno lethal nos cerebros que não receberam uma solida educação religiosa, o que infelizmente é bem trivial.

E' esta, pois, a principal missão que sobredoira a imprensa catholica, que para isso mesmo teem os catholicos o estricto dever de a manter na devida cathegoria de maneira a condizer com a nobreza do seu fim.

Não é isso, porém, o que se vê, nem o que por experiencia propria sabemos, e d'ahi o queixar-se a cada passo toda a imprensa catholica do parco auxilio dos seus, e o medrar pullulante do mau jornal tal qual a flora das podridões. E' isto uma verdade incontestavel, que todos devem reconhecer, porque de resto é ella bem palpavel para quem tiver um ceitil de bom senso.

Vêm todas estas considerações a proposito d'uma nova revista ultimamente publicada pela empreza do «Seculo» e intitulada «Illustração Portugueza.»

Apezar de ser bastante suspeita a sua origem, permutavamos gostosamente com esta revista, fazendo-lhe sempre as mais elogiosas referencias á sua recepção.

Julgavamos então que a empreza do «Seculo» ao fundar aquella revista tivera unicamente em mira dar a lume uma publicação imparcial, limitando-se apenas a fazer d'ella uma chronica do que dia a dia fosse correndo de mais importante n'esta nossa patria portugueza, um como que archivo litterario, scientifico, artistico e noticioso, como ha bastantes congeneres no extrangeiro, uma publicação com um cunho accentuadamente patriotico, em summa.

Demais, parecia-nos ella quasi exclusivamente artistica, restringindo a sua parte litteraria ao maior laconismo possivel, quanto ao numero de artigos. N'esse sentido acolhemos os seus numeros com um certo prazer, fazendo lhe até, pela nossa parte, um reclamo especial.

Mas agora vimos que nos enganamos inteiramente; aquella publicação é declarada e abertamente anti-catholica, e como tal, tem desacatado em numeros successivos os mais sublimes dogmas do catholicismo da maneira mais indigna e quiçá traiçoeira. E' pois, um mau jornal que todo o catholico deve repudiar e só criminosamente poderá subscrever.

Eis aqui a prova dos multiplices aspectos que toma a má imprensa para melhor illudir e alcançar seus fins, e ainda uma amostra da criminosa apathia em que os catholicos se deixam estar para com a sua imprensa, dando azo a que a sua inimiga figadal vá medrando cada vez mais, em grande parte á custa da sua propria bolsa.

Sirvam estas linhas de rectificação ao que escreveramos ácerca da «Illustração Portugueza», e, lançando este aviso aos catholicos, cumprimos assim o nosso dever.

DOCUMENTOS PRELATICIOS

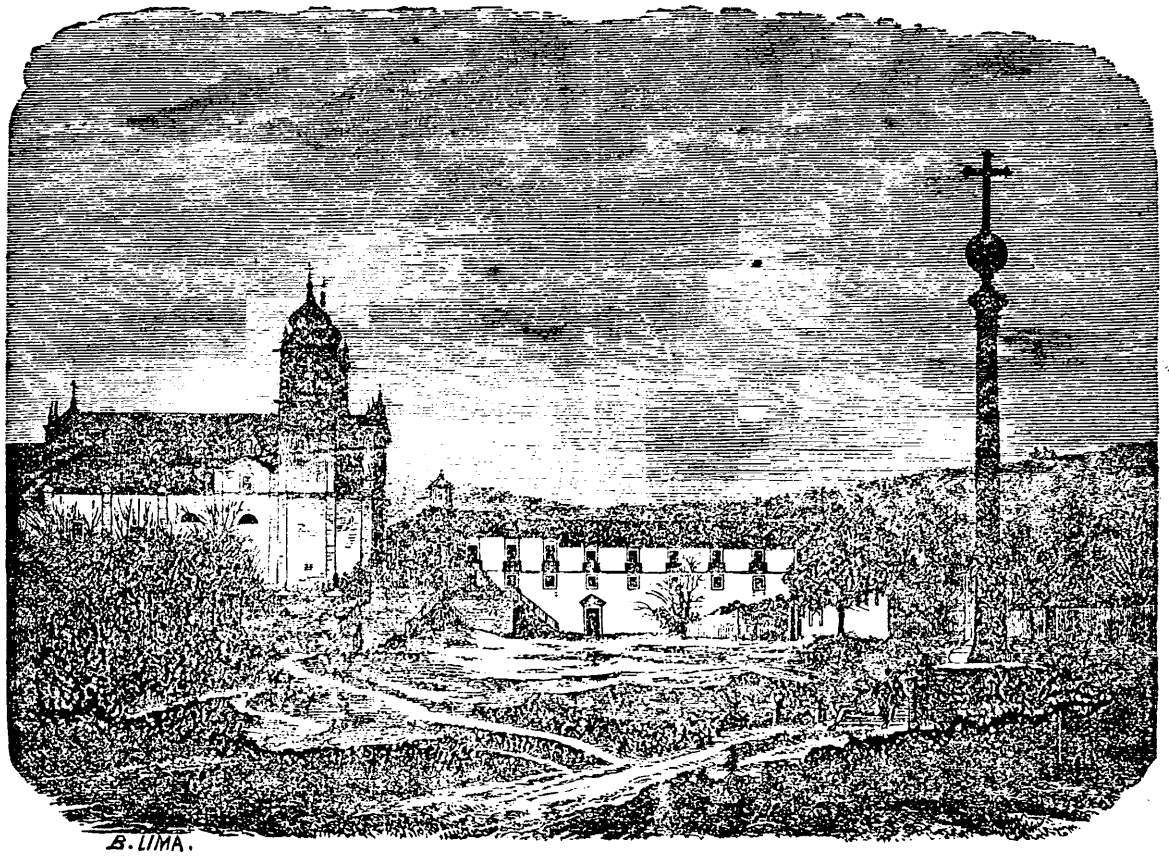
Motu Proprio de S. Santidade Pio X sobre a musica sacra

Entre os cuidados do Officio pastoral, não sómente d'esta Suprema Cathedral, que por imperscrutavel disposição da Providencia, ainda que indignos, occupamos, mas tambem de todas as Egrejas particulares, é sem duvida um dos principaes o de promover o decoro da Casa de Deus, onde se celebram os augustos mysterios da religião e onde o povo christão se reune, para receber a graça dos Sacramentos, assistir ao Santo Sacrificio do altar, adorar o augustissimo Sacramento do Corpo do Senhor e unir-se á oração commum da Egreja no officio liturgico publico e solemne. Nada, pois, deve succeder no templo que perturbe, ou que sequer diminua a piedade e a devoção dos fieis, nada que dê justificado motivo de desgosto ou d'escandalo, nada sobretudo, que directamente offenda o decoro e a santidade das sacras funcções, e que seja porisso indigno da Casa d'Oração e da magestade de Deus.

Não nos occupamos por partes dos abusos que n'esta materia podem occorrer. A nossa attenção dirige-se hoje para um dos mais communs, dos mais difficeis de desarreigar e que ás vezes se deve deplorar em logares, onde tudo o mais é digno do maximo encomio pela sumptuosidade do templo, pelo esplendor e cuidada ordem das cerimonias, pela frequencia do clero, pela gravidade e piedade dos ministros celebrantes.

Tal é o abuso em materia de canto e musica sacra. E de facto, quer pela natureza d'esta arte de si fluctuante e variavel, quer pela successiva alteração do gosto e dos habitos no correr dos tempos, quer pelo funesto influxo que sobre a arte sacra exerce a arte profana e theatral, quer pelo prazer que a musica directamente produz e que nem sempre é facil conter nos justos limites, quer finalmente pelos muitos preconceitos, que em tal assumpto facilmente se insinuam e depois tenazmente se manteem, ainda entre pessoas auctorisadas e piedosas, ha uma tendencia continua para desviar da recta norma, estabelecida pelo fim para que a arte se admittiu ao serviço do culto, e expressa nos canones ecclesiasticos, nas ordenações dos Concilios geraes e provinciaes, nas prescripções varias vezes emanadas das Sagradas Congregações romanas e dos Summos Pontifices Nossos Predecessores.

Com verdadeira satisfação d'alma nos praz recordar o muito bem que n'esta parte se tem feito nos ultimos decennios, tambem n'esta nossa alma cidade de Roma e em muitas Egrejas da Nossa patria, mas em modo muito particular em algumas nações, onde homens egregios e zelosos do culto de Deus, com approvação d'esta Santa Sé e com approvação dos Bispos, se uniram em florescentes sociedades e reconduziram ao seu logar d'honra a musica sacra em quasi todas as suas egrejas e capellas. Este bem está todavia ainda muito longe de ser commum a todos e se consultarmos a nossa experiencia pessoal e tivermos em conta as reiteradas queixas, que de todas as partes Nos chegaram n'este pouco tempo decorrido, desde que aprouve ao Senhor elevar a Nossa humilde Pessoa á suprema culminancia do Pontificado Romano, sem protrahirmos por mais tempo, cremos que é Nosso primeiro dever levantar a voz para reprovação e condemnação de tudo que nas funcções do culto e nos officios ecclesiasticos se reconhece desconforme com a recta norma indicada. Sendo de facto Nosso vivissimo desejo que o espirito christão refloresça em tudo e se mantenha em todos os fieis, é necessario



Mosteiro de Tibães

(Antiga Casa-Mãe da ordem Benedictina em Portugal)

prover antes de mais nada á sanctidade e dignidade do templo, onde os fieis se recolhem precisamente para hauirem esse espirito da sua primaria e indispensavel fonte, que é a participação activa nos sacrosantos mysterios e na oração publica e solemne da Egreja. E debalde se espera que para isso desça sobre nós copiosa a benção do Céo, quando o nosso obsequio ao Altissimo, em vez de ascender em olor de suavidade, vae pelo contrario repôr nas mãos do Senhor os flagellos, com que uma vez o Divino Redemptor expulsou do templo os indignos profanadores.

Portanto, para que ninguem d'oravante possa allegar a desculpa de não conhecer claramente o seu dever, e para que desappareça qualquer vaga indeterminação no interpretar algumas cousas já ordenadas, julgamos opportuno indicar com brevidade os principios que regem a musica sacra nas funcções do culto e recolher unidas n'um quadro geral as principaes prescripções da Egreja contra os abusos mais communs em tal materia. E porisso, de propria iniciativa e sciencia certa publicamos a Nossa presente *Instrucção* á qual, como a um *codigo juridico da musica sacra*, queremos que se dê força de lei, impondo a todos, por este Nosso chirographo a sua mais escrupulosa observancia.

— —

Instrucção sobre a musica sacra

I

Principios geraes

1 — A musica sacra, como parte integrante da solemne liturgia, tem commum com ella o fim geral, que é a gloria de Deus e a santificação e edificação dos fieis. Ella concorre para augmentar o decoro e esplendor das cerimonias ecclesisticas, e como seu principal papel é revestir de apropriada melodia o texto liturgico, que se propõe á intelligencia dos fieis, assim é que o seu fim proprio consiste em acrescentar maior efficacia ao mesmo texto, afim de que os fieis, por este meio, sejam mais facilmente excitados á devoção e melhor se disponham a receber os fructos da graça, que são proprios da celebração dos sacrosanctos mysterios.

2 — A musica sacra deve por conseguinte possuir no melhor grau as qualidades que são proprias da liturgia, e precisamente a *santidade* e a *bondade* das formas, d'onde surge espontaneo o outro seu caracter que é a *universidade*.

Deve ser *santa*, e por isso excluir qualquer profanidade, não só de si propria, mas tambem do modo como a propõem os executantes.

Deve ser *verdadeira arte*, não sendo possivel que d'outra forma exerça sobre o animo de quem a escuta aquella efficacia que a Egreja mira obter, admittindo na sua liturgia a arte dos sons.

Mas deve ao mesmo tempo ser *universal* n'este sentido, que ainda concedendo-se a todas as nações, que admittam nas composições ecclesiasticas aquellas formas particulares, que constituem de certo modo o caracter especifico das suas musicas proprias, estas devam, porém, de tal maneira ser subordinadas aos caracteres geraes da musica sacra que nenhuma outra nação, ao ouvil-as, possa experimentar uma impressão não boa.

II

Generos de musica sacra

3.º — Estas qualidades encontram-se em summo grau no canto gregoriano, que é por consequencia o canto proprio da Egreja Romana, o unico canto que herdou dos antigos Padres, guardou zelosamente atravez dos seculos nos seus codices liturgicos, que, como seu, directamente propõe aos fieis, que n'algumas partes da liturgia exclusivamente prescreve e que os estudos mais recentes tão felizmente restituiram á sua integridade e pureza.

Por taes motivos o canto gregoriano foi sempre considerado como o supremo modelo da musica sacra, podendo com toda a razão estabelecer-se a seguinte lei geral: *uma composição para egreja tanto mais sacra e liturgica é, quanto mais o andamento, na inspiração e no sabor se aproxima da melodia gregoriana; e tanto menos digna é do templo, quanto mais se afasta d'aquelle supremo modelo.*

O antigo canto gregoriano tradicional deverá pois restituir-se largamente ás funcções do culto, convencendo-se todos que uma funcção ecclesiatica nada perde da sua solemnidade, ainda quando não seja acompanhada senão por este canto.

Em particular procure-se restaurar o canto gregoriano no uso do povo, para que os fieis tomem novamente parte mais activa nos officios ecclesiasticos, como soia antigamente.

4.º — As predictas qualidades possue-as tambem em optimo grau

a polyphonia classica, especialmente a da *Escola Romana*, a qual no seculo XVI tocou o apogeu da sua perfeição por obra de Pierluigi de Palestrina e continuou ainda depois a produzir composições de excellente bondade liturgica e musical. A polyphonia classica muito bem se avisinha do supremo modelo de toda a musica sacra, que é o canto gregoriano e por essa razão mereceu ser acolhida junctamente com o canto gregoriano, nas funcções mais solemnes da Egreja, como são as da capella Pontificia. Deverá, pois, ella nas funcções ecclesiasticas, especialmente nas mais insignes basilicas, nas egrejas cathedraes, e nas dos seminarios e dos outros institutos ecclesiasticos onde os meios necessarios não costumam faltar.

5.º — A Egreja reconheceu sempre e fomentou o progresso das artes admittindo no serviço do culto tudo o que o genio soube encontrar de bom e de bello no decurso dos seculos, salvas, porém, sempre as leis liturgicas. Por consequencia a musica sacra mais moderna é tambem admittida na Egreja, offerecendo ella tambem composições de tal bondade, seriedadade e gravidade que de modo algum são indignas das funcções liturgicas.

Sem embargo, como a musica moderna surgiu principalmente para uso profano, deverá examinar-se com cuidado maior, que as composições musicaes de estylo moderno, que se admittem na Egreja, nada contenham de profano, não tenham reminiscencias de motivos usados no theatro, e não sejam moldadas, nem sequer nas suas formas externas, no andamento dos trechos profanos.

6.º — Entre os varios generos de musica moderna, aquelle que menos apropriado parece para acompanhar as funcções do culto é o estylo theatral, que durante o seculo passado teve a maxima voga, especialmente na Italia. Essa, por sua natureza, apresenta a maxima opposição ao canto gregoriano e á polyphonia classica e porisso ás leis mais importantes de toda a boa musica sacra. Além d'isso a intima estructura, o rithmo e o chamado *convencionalismo* de tal estylo não se amoldam, senão a custo, ás exigencias da verdadeira musica liturgica.

(*Conclue*)

CARTA PASTORAL DE S. EX.ª REV.ma O SNR. BISPO DO PORTO

(Conclusão)

b) A indulgencia das estações romanas para quem devotamente visitar cinco igrejas ou altares no logar onde viver, tanto na quaresma como nos outros tempos do anno, no dia das estações de Roma, e não havendo tantas igrejas e altares, visitar cinco vezes uma igreja ou altar, dizendo orações a Deus Nosso Senhor pela conservação da Santa Igreja, pela paz e concordia entre os povos, e as que melhor lhe aconselhar sua devoção.

Estas tres indulgencias plenarias podem ser applicadas, segundo a vontade de cada um, por modo de suffragio pelas almas no purgatorio, que d'esta vida partiram em graça de Deus, comtanto que para as duas primeiras se tome a Bulla de defunctos, da esmola de 50 reis, escreva ou mande escrever o proprio nome e não o nome do defuncto, a leve comsigo e faça a applicação pela alma que deseja suffragar.

c) Finalmente a ultima indulgencia plenaria é a que Sua Santidade concede aos que durante o anno morrerem sem confissão por causa de morte repentina ou falta de confessor, comtanto que se tenham confessado no tempo determinado pela Igreja e não fossem negligentes contando com esta graça e morram contrictos.

O indulto concede dispensa d'abstinencia:

1.º Em todos os dias da quaresma, exceptuando as sextas feiras, sabbados, a quarta de cinzas, vigilias de S. José e Annunciação e os tres ultimos dias da semana santa.

2.º Nos tres dias das Rogações ou Ladainhas.

3.º Nas quartas-feiras das Temporas, e nas outras Vigilias, ainda que caiam ao sabbado, exceptuando a do Pentecostes, a de Todos os Santos e a do Natal ou Nascimento de Jesus Christo, bem como as das grandes festividades das dioceses ou dos logares, quando ahi guardadas e mantidas pelos fieis com approvação dos Ordinarios.

As esmolas de 40, 80, 200 e 300 reis conforme os rendimentos de cada fiel e as do Indulto de 50 para o chefe de familia, cujos rendimentos totaes e annuaes sejam de 300$000 a 500$000 reis e de 100 para aquelles cujos rendimentos totaes excedam 500$000 reis, são todas destinadas a despezas dos seminarios, culto d'igrejas pobres, prégação...

Para cada um d'estes pontos indicados instantemente chamamos a attenção dos Revs. Parochos e Presbyteros confessores e a todos muito recommendamos que procurem instruir os fieis fazendo-lhes conhecer o que ignoram ou aclarando idêas obscuras e até falsas.

Os Revs. Parochos e Presbyteros não obriguem, mas só exhortem os fieis pela devoção e caridade a concorrerem para a Bulla e Indulto, e acceitem como verdadeiras as declarações que em consciencia fizerem.

E como preparação de todos os fieis para a celebração dos mysterios da Paixão, Morte e Redempção de N. S. Jesus Christo, Havemos por bem, em virtude da Nossa jurisdicção ordinaria, determinar o seguinte:

1.º O tempo da desobriga quadragesimal poderá ser prorogado até á festividade dos Apostolos S. Pedro e S. Paulo pelos Revs. Parochos que assim o entenderem necessario ou conveniente, sem prejuizo da entrega dos roes nos quinze dias depois d'este ultimo prazo.

2.º Aos Revs. Parochos, bem como aos confessores que tiverem licença Nossa pelo menos d'um anno, damos a necessaria jurisdicção para, durante o tempo da desobriga, absolverem seus penitentes de qualquer peccado a Nós reservado, precedendo sempre a restituição de fazenda ou de credito por parte d'aquelles que á mesma estiverem obrigados, e tambem lhes concedemos faculdades para, durante o anno corrente, applicarem aos moribundos a absolvição com Indulgencia Plenaria do Santo Padre Bento XIV.

3.º Comquanto a esmola para a Bulla da Santa Cruzada seja condição indispensavel para que os fieis se possam utilisar das graças do Indulto Quaresmal, todavia não a impomos áquelles que se aproveitarem das concessões que dependem só da Nossa Jurisdicção Ordinaria.

5.º Aproveitamos esta occasião para lembrarmos aos Rev. Parochos ou Rev. Capellães em cuja Igreja se fizerem as solemnidades da Terra Santa, que as esmolas recolhidas por occasião da adoração da Cruz devem ser destinadas aos Logares Santos e por isso entregues ao collector diocesano Rev. Presbytero Illydio José Vieira da Costa, morador na rua de S. Bento da Victoria d'esta cidade.

Pela nossa parte rogamos a Deus a felicidade espiritual e temporal para os que promovem e contribuem com as suas esmolas para a Bulla e Indulto e para os logares Santos. E, se Deus permittir que celebremos a missa da Resurreição de Jesus Christo, assim o faremos no proximo dia de Paschoa, na Sé Cathedral, pelas dez horas da manhã e daremos a Benção Apostolica com Indulgencia Plenaria aos que comparecerem devidamente preparados, ou que, legitimamente impedidos, do mesmo modo dispostos, tiverem intenção de receber a Benção, que será annunciada pelo signal na torre da Igreja Cathedral.

Esta Nossa Instrucção depois de registada, será remettida aos Reverendos Parochos para a lerem e explicarem na fórma costumada, e d'ella darão conhecimento a todos os presbyteros da sua respectiva freguezia.

Dada no Porto e Paço Episcopal, sob Nosso signal e sello de Nossas Armas, aos 20 de Janeiro de 1904.

✠ ANTONIO, Bispo do Porto.

Antonio Ferreira Pinto,

SECRETARIO.

APONTAMENTOS HISTORICOS

Cemiterios

II

Ha certas expressões, que se ouvem, que se lêem, que se encontram quiçá em algumas campas, as quaes tudo poderão ser menos christãs: ou traduzem uma deploravel ignorancia, ou significam o mais puro materialismo; taes são *somno eterno*, *repouso eterno*, e outras de identica natureza.

Para o christão, não acaba tudo com a vida terrena. O homem é composto de duas substancias distinctas, espirito e corpo; quando se parte o mysterioso liame que as une, a primeira, de sua natureza immortal, entra na eternidade, logar do premio, do castigo ou da expiação temporaria, conforme os seus meritos e os juizos do Creador; a parte material corrompe-se, dissolve-se, *dorme* na terra um somno talvez de seculos, mas nunca *eterno*, pois entre as nossas verdades de fé temos a da *resurreição dos corpos*.

E' por isso que, na lingua do Christianismo, os campos dos mortos, n'outr'ora com tanta verdade e tanta piedade chamados *campos santos*, se chamam *cemiterios*, isto é, *dormitorios*. N'elles se dorme pois, mas só para descançar e acordar depois; d'onde as palavras *repouso*, *somno*, *repousa*, *dorme*, que a cada passo se encontram nos cemiterios primitivos.

Nas inscripções das catacumbas, d'ordinario breves e singelissimas, está indelevelmente impressa a crença na resurreição dos mortos. «Assim como, diz bellamente o Padre Gaume, na longa escuridão das noites d'inverno brilham as estrellas com mais vivo fulgor na abobada do firmamento, assim tambem na profundeza das Catacumbas resplende com um fulgor incomparavel o dogma da resurreição futura. As palavras *depositus*, *in pace quiescit*, *depositado*, *repousa em paz*, gravadas em myriadas de sepulturas são como outros tantos raios scintillantes cujo conjuncto lança sobre esta verdade uma luz deslumbrante, como outras tantas vozes que proclamam sob as sombrias abobadas da immensa necropole o grande dogma dos christãos: *Fiducia christianorum, resurrectio mortuorum.*»

E para melhor se sentir toda a significação das palavras com que a Egreja exprime a sepultura, basta comparal-as, como observa o grande escriptor catholico, com os termos usados entre os pagãos. Persuadidos estes de que o deposito dos seus mortos era absoluto, irrevogavel, eterno, o designavam por estas palavras: *situado, collocado, posto*; e os christãos, que o consideravam temporario, exprimiam-n'o pelas palavras que conhecemos. E os primeiros, para ainda mais accentuarem o seu materialismo, empregavam certas phrases que, em boccas christãs (e quantas as usam!) são perfeitamente estupidas ou ridiculas, como: *A terra lhe seja leve. Pedra, rogo te que peses levemente sobre estes ossos*, etc.

Quão sagrada coisa eram para os primeiros christãos os seus cemiterios, as Catacumbas, e quão profundo respeito lhes mereciam, prova-o a respeitabilidade das pessoas a quem os confiavam.

Ao passo que os pagãos levavam o despreso do homem a ponto de lançarem o seu cadaver a um monturo, onde apodrecia com o dos animaes, a Egreja professava tal veneração pelos despojos mortaes do christão e sobretudo do martyr, que só aos seus proprios ministros confiou o cuidado de os enterrar. Não eram os seus coveiros, *fossores*, simples mercenarios como hoje, quasi sempre destituidos de sentimentos piedosos, quando menos frios e indifferentes, e não raras vezes — horror! — profanadores e ladrões de sepulturas, como recentemente se descobriu em Lamego.

Cada parochia tinha um collegio de oito ou dez coveiros, especialmente encarregados de tudo quanto dizia respeito á sepultura dos mortos: trabalhadores, decanos, lecticarios, carregadores, arenarios, nomes diversos que indicam, ou o seu numero, ou a multiplicidade das suas santas, mas perigosas funcções. No clero romano, formavam os coveiros o primeiro grau de hierarchia. Novos Tobias, deviam, a exemplo do seu modelo, brilhar pela santidade dos seus costumes, pela intelligencia dos seus deveres, pela coragem da sua profissão e pela viveza da sua fé, que, fazendo-os obrar com os olhos na resurreição dos corpos, lhes mostrava o proprio Salvador em cada defuncto confiado á sua pia sollicitude.

Isto é formoso, é sublime; porém, por grande desgraça nossa, não é nem a tenue sombra d'isto o que hoje vemos, sem embargo de nos acharmos n'um paiz ha tantos seculos catholico.

A. Moreira Bello.

EGREJA PORTUENSE

Catalogo dos Bispos do Porto

(Conclusão)

48—D. João III, que deu principio ao claustro da Sé, para cujo fim lhe deu a Camara do Porto mil pedras lavradas.

49—D. João Affonso Esteves de Azambuja, depois cardeal com o titulo de S. Pedro *ad vincula*.

50—D. Gil.

51—D. João Affonso Aranha V, natural do Porto.

52—D. Fernando da Guerra III, descendente dos reis portuguezes, e depois Arcebispo de Braga.

53—D. Vasco II.

54—D. Durando.

55—D. Antão Martins de Chaves, natural do Porto.

56—D. Gonçaliennes de Obidos.

57—D. Luiz Peres.

58—D. João d'Azevedo VI.

59—D. Diogo de Souza I, que fez trasladar de S. Pedro de Miragaya os ossos de S. Pantaleão.

60—D. Diogo da Costa II.

61—D. Pedro da Costa VI.

62—D. Belchior Beliago.

63—D. Frei Balthazar Limpo, que mandou fazer o côro da Sé.

64—D. Rodrigo Pinheiro I.

65—D. Ayres da Silva. Era reitor da Universidade de Coimbra e augmentou o seu paço; morreu em Africa ao lado de el-rei D. Sebastião, na jornada de Alcacer Quibir.

66—D. Diogo de Sá Pereira III.

67—D. Frei Marcos de Lisboa; era frade franciscano, e a quinta do Prado, hoje cemiterio do Repouso, é obra sua; mandou tambem construir a capella de Nossa Senhora da Saude, no claustro da Sé, onde jaz.

68—D. Jeronymo de Menezes; foi reitor da Universidade de Coimbra, e auxiliou muito a fundação dos conventos de S. João Novo e S. Bento dos Frades.

69—D. Frei Gonçalo de Moraes II, monge de S. Bento, que além de outras obras mandou construir a elegante capella-mór da Sé e a sachristia.

70—D. Rodrigo da Cunha II, que concorreu efficazmente para a feliz acclamação de D. João IV. E' o illustre compilador do «Catalogo dos Bispos do Porto.»

71—D. Frei João de Vallada VII.
72—D. Gaspar do Rego.
73—D. Sebastião Cesar de Menezes.
74—D. Nicolau Monteiro, natural do Porto; reedificou as egrejas de S. Pedro de Miragaya e de S. Nicolau, onde foi baptisado, e morreu com fama de santo.
75—D. Fernando Correia de Lacerda IV.
76—D. João de Souza VIII.
77—D. Frei José de Santa Maria Saldanha I, frade de Santo Antonio.
78—D. Thomaz d'Almeida, que foi elevado a primeiro Patriarcha de Lisboa.
79—D. Frei José Maria da Fonseca e Evora II, frade franciscano.
80—D. Frei Antonio de Souza e Tavora I; dotou o convento de S. João Novo, e reedificou as egrejas de Nossa Senhora da Victoria e S. Nicolau, que haviam sido abrazadas por um incendio.
81—D. Frei Aleixo de Miranda Henriques, frade dominicano. O seu cadaver foi collocado em rico mausoleu de marmore branco na egreja de S. Domingos, que desappareceu quando foi demolida a referida egreja para a abertura da rua Ferreira Borges.
82—D. Frei João Raphael de Mendonça IX, frade Jeronymo; edificou pela base o Paço Episcopal, que ficou por concluir, sendo depois continuado em 1770 e terminado em 1772, e sagrou a egreja dos Clerigos em 12 de dezembro de 1779.
83—D. Lourenço Correia de Sá.
84—D. Antonio de S. José e Castro II, que mandou edificar o Seminario Diocesano na quinta do Prado, e foi depois Patriarcha de Lisboa.
85—D. João de Magalhães e Avellar X.
(A este seguiu-se D. Frei Manoel de Santa Ignez, da ordem dos agostinhos descalços, no convento da Formiga, chamado por D. Pedro IV, para governar o bispado, poucos dias depois da entrada das tropas constitucionaes, principiando logo a exercer jurisdicção ordinaria, estando dentro do bispado o seu prelado; por morte d'este foi nomeado seu successor, mas a sua nomeação nunca chegou a ser confirmada pela Santa Sé de Roma, por causa do scisma. No dia do seu fallecimento, 24 de janeiro de 1840, houve grande desordem na Sé por causa da escolha da sepultura, que os seculares queriam que fôsse a privativa dos bispos; a irmandade da Lapa offereceu o seu cemiterio que foi acceite a contento de todos, e jaz em um carneiro que alli foi construido).
86—D. Jeronymo José da Costa Rebello II. Mandou fazer a soberba escadaria do Paço.
87—D. Antonio Bernardo da Fonseca Moniz III.
88—D. João da França Castro e Moura XI.
89—D. Americo Ferreira dos Santos Silva I, cardeal do titulo dos Santos Quatro Coroados.
90—D. Antonio José de Souza Barroso, antigo missionario em Africa, depois prelado de Moçambique, bispo de Meliapor, sendo nomeado para a Sé do Porto em 1899.

NOTAS SOCIAES

Socialismo e anti-clericalismo

(De Max Turmann)

«Todo aquelle que, diz elle, subministra armas aos poderes publicos, para restringir a liberdade d'uma classe dominante, deve temer que, amanhã, se voltem essas mesmas armas contra o proletariado, com maior prazer ainda. Este ponto póde figurar-se de somenos interesse para a burguezia liberal.—*A democracia socialista deve reflectir maduramente antes de armar assim o poder.*»

Para reforçar a sua these Karl Kautsky formula o seguinte dilemma, a proposito da guerra movida actualmente em França ás congregações religioas: Ou bem que se faz uma lei de excepção contra ellas, se reconhece a legitimidade de empregar uma legislação de excepção contra adversarios politicos incommodos, e *se abre caminho a leis d'este genero*, dirigidas amanhã contra os anarchistas, e no dia seguinte contra os democratas socialistas—as leis exceptivas do kulturkampf precederam as leis de excepção, de 1878, contra o nosso partido. — Ou bem que se procura restringir as congregações do direito commum: *restringe-se então o direito de associação tanto, que outras sociedades pódem, de futuro, ser attingidas.*»

Escolham os nossos socialistas um dos termos do dilemma em que os encerrou o collectivista allemão.

Pergunta Karl Kautsky: «porque enveredar por um caminho tão perigoso?» Seria, porque as congregações são ricas? «De feito, diz elle, em alguns Estados, a sua fortuna tem augmentado consideravelmente. Mas nas nações capitalistas, é relativamente exigua, comparada com a riqueza da classe capitalista... Em uma nação, onde a producção capitalista é florescente, a influencia economica das congregações é muitissimo inferior á que exercem os grandes monopolistas do capitalismo.—Os monopolistas dos caminhos de ferro, por exemplo, exercem na vida economica da França um poder muito outro que o das congregações e a transformação d'estas linhas em serviço publico seria, sob o ponto de vista economico, uma medida muito mais importante e acertada, do que a propria confiscação de todos os bens das ordens religiosas.» Esta é uma declaração que não seria mau oppor ás violentas arengas anticlericaes dos nossos socialistas parlamentares.

A estas diversas razões accrescenta Kautsky uma outra de ordem eminentemente pratica.

Como a maioria dos espiritos avisados, considera elle que o conflicto se excita cada vez mais entre o collectivismo e o catholicismo; do mesmo passo, vê que «a influencia da Egreja progressivamente se desentranha em beneficios nas espheras do proletariado.» Assim, n'estas condições, julga prudente não irritar inutilmente os trabalhadores christãos, e muito mais habil cuidar em os attrahir á democracia socialista. «Comprometteriamos irremediavelmente a nossa posição para com estes operarios,—frisa elle ainda — se, de parceria com os funccionarios e burguezes livres-pensadores, marchassemos contra elles e sua Egreja, e se levassemos ás suas fileiras, não a lucta de classe, mas o kulturkampf.—E' preferivel mostrar-lhes que a lucta de classe é mais forte que toda a divergencia em materia religiosa. Occupemo-nos em não augmentar, mas em diminuir o interesse que elles dedicam ás questões religiosas e theologicas, solicitando a sua attenção para os problemas da vida material.

Devemos mostrar-lhes que o operario catholico ou christão em geral, é mais proximo do operario livre-pensador, que o burguez livre-pensador; devemos emfim fazer-lhes vêr que é com este ultimo que o clero secular e regular, fazendo, no fundo, parte das classes dominantes e abastadas, tem muito mais pontos de contacto, do que com o proletario, por muito piedoso que seja.»

Estas ultimas linhas parecem indicar o dever a nós catholicos em geral, e aos padres em particular: se queremos sustentar a fé popular contra as incessantes tentativas de deschristianisação, não deveremos esforçar-nos por demonstrar *por factos* que essa fé christã conduz logicamente a conclusões sociaes justas e favoraveis aos trabalhadores? Mostremos, pois, *praticamente* que na grande communidade christã não ha distincção de *burguez* e *pro-*

Tentação de Jesus no deserto

letario, mas sim que todos são tratados n'um pé de perfeita egualdade, como irmãos em Jesus Christo.

Quando tivermos conseguido essa demonstracção pratica, teremos por ventura feito mais contra o collectivismo revolucionario, do que se houveramos apresentado doutissimas refutações das theorias marxistas.

— Com vista, *mutatis mutandis*, aos interessados portuguezes.

(Traducção de *D. M. do Rio*).

AS NOSSAS GRAVURAS

Leão X

Eis a figura mais perponderante e grandiosa do seculo XVI, aquella que mais concorreu para o explendor da sua epocha.

Leão X pertencia á nobre familia dos Medicis, de Florença, onde nasceu em 1475; seu pae foi Lourenço o Magnifico. Indo cedo para Roma conquistou desde logo a affeição do alto clero e a estima dos homens de lettras.

Por morte do Papa Julio II, de quem foi particular amigo, o cardeal João de Medicis foi eleito papa, sob o nome de Leão X, em 11 de março de 1513.

Seriamos demasiado extensos se tentassemos traçar aqui o vasto quadro dos acontecimentos politicos e religiosos que assignalaram o reinado do novo Pontifice. O que vamos fazer salientar em Leão X é o protector das artes, das lettras e das sciencias, e é sob este ponto de vista sobretudo que elle mereceu dar o seu nome a um dos seculos mais brilhantes da historia, apesar dos ataques, até certo ponto justos, que á Renascença actualmente os criticos d'artedirigem.

Os modelos da literatura grega e latina, Homero, Platão, Sophocles, Pindaro, Theocrito e Tacito, sahiram da

obscuridade e foram dados á estampa a diligencias do soberano Pontifice e sob a direcção de homens competentissimos. Duas bibliothecas, a do Vaticano e a que fez construir por Miguel Angelo, em Florença, enriqueceram-se com livros, restos da antiguidade, e com os productos das bellas-artes que Leão X fazia juntar á custa de enormes despezas.

Foi no seu pontificado que Miguel Angelo e Raphael adornaram com as magnificas pinturas, que serão a admiração de todos os tempos, o palacio do Vaticano e outros muitos dos principaes monumentos de Roma.

Leão X animou o estudo da arte musical, cujos segredos conhecia a fundo.

A liberdade do commercio, a prosperidade do seu reinado, a sabedoria da sua administração concorreram efficazmente para o bem estar geral, atrahindo sobre o nome do esclarecido Pontifice as bençãos de todo o povo, que se levantou n'um só grito para acclamar no Capitolio a sua estatua devida ao genio maravilhoso de Miguel Angelo.

Raphael traçou de Leão X um retrato fiel, cuja copia damos na gravura da primeira pagina. Este retrato está no Vaticano e é uma das mais bellas obras do grande artista. A' esquerda do Pontifice está o Cardeal Rossi e á direita o Cardeal Julio de Medicis, que depois foi elevado ao solio pontificio sob o nome de Clemente VII.

Morreu em 1521, havendo cingido a tiara apenas nove annos. Contava quarenta e sete annos de idade.

Tentação de Jesus

(Segundo os Evangelhos de S. Matheus e S. Lucas)

Cheio do Espirito Santo, voltou Jesus do Jordão, e foi levado pelo Espirito ao deserto para ser tentado pelo diabo.

Ahi esteve quarenta dias e quarenta noites. Não comeu nada durante este tempo, e passado elle teve fome.

Chegou-se então o demonio e disse-lhe: Se és o filho de Deus, dize a estas pedras que se convertam em pães.

E Jesus lhe respondeu: está escripto que o homem não vive sómente de pão, mas de toda a palavra que sahe da bocca de Deus.

E o demonio o levou a um alto monte, e de lá lhe mostrou a um tempo todos os reinos do mundo e as glorias d'elles, dizendo-lhe: dar-te-hei a gloria d'estes reinos, que são meus, se prostrado me adorares.

E respondeu-lhe Jesus: escripto está — ao Senhor teu Deus adorarás e a elle só servirás.

Levou-o o demonio ainda a Jerusalem, pôl-o sobre o pinaculo do templo e disse-lhe: se és filho de Deus lança-te d'aqui abaixo, porque escripto está que Deus mandou os seus anjos que tivessem cuidado de ti, te guardassem e sustivessem em seus braços para não magoares os teus pés ou não tropeçares em alguma pedra.

E respondeu lhe Jesus: tambem está escripto que não tentarás ao Senhor teu Deus. Vae-te Satanaz.

Então o diabo o deixou.

DE TUDO UM POUCO

O cantochão

Quanto ao cantochão, a conformidade da sua melodia com a architectura é certa tambem; por vezes curva-se assim como as sombrias arcadas romanicas, surge, tenebroso e pensativo, semelhante ás arcarias em semi-circulo. O «De profundis», por exemplo, incurva-se tal como estes grandes arcos que formam a ossatura defumada das abobadas; é lento e nocturno como ellas, não se estende senão na obscuridade, não se move senão na penumbra pavorosa das cryptas.

Por vezes, ao contrario, o canto gregoriano parece ter ido buscar ao gothico os seus cotylédones floridos, as suas flechas recortadas, as suas rosaceas de gaze, os seus tufos de bordados, as suas rendas leves e tenues como vozes de creanças. Então passa d'um extremo ao outro, da amplidão das angustias até ao infinito das alegrias. Outras vezes ainda, a musica singela, a musica christã, que elle deu á luz, se amoldam, do mesmo modo que a esculptura, ao jubilo do povo; associam-se aos regozijos ingenuos, aos risos esculpidos nos velhos porticos; apoderam-se como no canto do natal «Adeste fideles» e no hymno paschal «O filii et filiae», do rythmo plebeu das multidões; fazem-se pequenas e familiares, taes como os Evangelhos, submettem-se aos humildes desejos dos pobres, dando-lhes um ar de festa facil de reter, um vehiculo methodico que os arrebata para regiões puras, onde essas almas simples se rojam aos pés indulgentes de Christo.

Creado pela Egreja, educado por ella, nas psalletas da Edade Media, o cantochão é a paraphrase aerea e movediça da immovel estructura das cathedraes; é a interpretação immaterial e fluida das telas dos Primitivos; é a traducção alada e é tambem a estricta e flexivel estola d'estas prosas latinas que os monges exaltados out'rora, fóra dos tempos, nos claustros edificaram.

J. K. Huysmans (A Caminho).

Calendario:

Março 1 1904

Fundação do castello de Thomar por D. Gualdim Paes, mestre da ordem dos Templarios em Portugal, no anno de 1160.

Nasceu este valente paladino em Braga, ou em Amares segundo outros, no anno de 1118, e, depois de ter sido armado cavalleiro por D. Affonso Henriques, tomou a cruz vermelha dos cruzados e partiu para a Terra Santa. Ahi assistiu ao cerco de Gaza em 1153, e na sua volta a Portugal foi nomeado mestre dos Templarios no nosso paiz.

Sendo-lhe dado o castello de Ceres proximo de Nabancia, D. Gualdim Paes e os seus freires foram tomar posse d'elle com intuitos de ahi fazer a séde principal da ordem em Portugal, que até então parece ter sido em Braga; mas como esse castello fosse insufficiente começou a levantar outro em Thomar, que foi iniciado a 1 de março de 1160 como dizemos acima.

Em 1169 foi encarregado por D. Affonso Henriques, para ir defender a fronteira da Extremadura, então ameaçada. D. Gualdim Paes desempenhou-se valentemente d'esta tarefa, fazendo innumeras incursões pelas terras dos infieis.

Em 1184 o kalifa almohade veio pôr cerco a Santarem, d'onde foi repellido pela bravura do principe D. Sancho; mas seis annos depois, Jacub, o kalifa successor do que fôra repellido de Santarem, veio pessoalmente invadir Portugal, e, atravessando o Alemtejo, poz assedio a Thomar.

O inimigo talou completamente as cercanias de Thomar e Torres Novas, mas os templarios nos seus postos sustentaram o rude embate do poder mauritano, fazendo-lhe perder grande numero de vidas.

A tradicção reza que uma porta do castello se ficou chamando desde então porta do sangue pela grande quantidade d'elle que ahi verteram os mouros. O emir Jacub viu-se afinal obrigado a retirar-se, deixando aos templarios uma auréola de gloria immortal.

D. Gualdim Paes morreu cinco annos depois d'esta

façanha victoriosa, no anno de 1195, e foi inhumado na egreja de Santa Maria do Olival, junto de Thomar.

No seu tempo foi um dos vultos mais valorosos e cavalleirescos, não só de Portugal como de toda a Europa.

—

Curiosidades:

Ha mais de mil e duzentos annos que se introduziu em territorio hispanico a ordem monastica de S. Bento, sendo ainda vivo o seu proto-patriarcha. Dos doze monges, mandados pelo fundador a Hespanha, alguns vieram até Coimbra, e escolheram o sitio de Lorvão para edificarem o primeiro convento, sendo Lucencio um dos primeiros abbades fundadores, o qual chegou a ser bispo coninbricense. Parece que a data d'essa fundação se póde marcar entre 537 e 543, anno em que se finou S. Bento.

Os frades benedictinos adquiriram dentro em pouco tal nomeada que eram chamados aos concilios. Durante o dominio arabe nunca soffreram damno algum. Tambem os reis de Leão os protegeram immensamente com donativos.

Emprehendendo D. Antonio da Silva, ultimo commendatario do mosteiro de Santo Thyrso de Riba d'Ave a reformação do seu convento em 1558, para o libertar do abuso dos commendarios que eram por via de regra seculares, alcançou-a por bulla do Papa Pio V, datada de 22 de julho de 1569, e desde então ficou considerado o mosteiro de Tibães, como cabeça da congregação em Portugal, por ser o mais antigo e por estar situado no centro dos conventos do Minho.

O geral tambem tinha a designação de D. Abbade, e no seu couto gosava de jurisdição de capitão-mór, coudelmór, alcaide-mór, ouvidor, como se póde ver nas eruditas chronicas da ordem de S. Bento: Fr. Leão de S. Thomaz, na *Benedic. Lusit. Chronica de S. Bento*, e outros citados por Barbosa, *Decis. Apost. Collect.*, etc.

—

Notas de sciencia:

Eis como Ruhmer, auctor de tantos inventos, conseguiu obter a photographia da palavra:

No circuito d'uma lampada de arco intercalam-se um microphonio e um cylindro de inducção com interruptor liquido. Os carvões do arco collocam-se horisontalmente e projecta-se a sua imagem sobre uma fita de cinematographo que avança á razão de tres metros por segundo.

A palavra, reproduzida pelo arco, fica na fita cinematographica em fórma de apparições successivas da imagem.

Para a reproducção dos sons projecta-se a imagem obtida sobre uma placa de selenio, intercalada n'um circuito telephonico, procurando que a pellicula tenha uma velocidade igual á que teve durante a impressão. A pureza dos sons obtidos parece que é realmente surprehendente.

—

Pensamentos:

A má imprensa.

Um mau livro tem tal poder de prejudicar que o pensamento não chega a medir. Basta ás vezes uma leitura má para contaminar o genio mais aprazivel deixando na mente uma nodoa que se conservará até ao sepulchro.—*Giordano.*

—Eu não posso contemplar alguns dos meus livros sem horror; em vez de instruir, pervertem, em vez de alimentar o espirito, o empeçonham.—*J. J. Rousseau.*

—Melhor fôra que muitos dos nossos auctores se tivessem calado e a pobre humanidade, já estragada pelo espectaculo dos seus costumes, não teria ao menos a senda dos seus escriptos, a sociedade cresceria briosa e não teria na medula o germen occulto que a devora e ameaça de morte.—*J. J. Rousseau.*

—Cumpre oppôr armas a armas; arrancar das mãos de todos o veneno, que com prudencia diabolica lhes apresenta a impiedade e a immoralidade; oppôr aos maus livros os bons...—*Dom Bosco.*

—O catholico que apoia a divulgação das folhas impias, não só participa da mesma impiedade, como atraiçôa a santidade de seus deveres, fornecendo ao mal elementos com que este se dissemine e se revigore.—*Dr. Brazilio Machado.*

—Contam-se por milhares as folhas que se distribuem pelas camadas mais inferiores da sociedade, doutrinando a glorificação do immundo, o desprezo do trabalho honesto pela paixão do prazer brutal... Está em perigo a salvação de nossos filhos, a integridade intellectual e physica do nosso paiz, o proprio futuro da patria (a França).—*Jules Simon e Beranger.*

—

Versos escolhidos:

Avé-Maria

Avé-Maria
Cheia de graças mil, Deus é comtigo,
fulge em teus olhos a divina luz.
E's bemdita entre todas as mulheres,
bemdito o filho teu, doce Jesus!
Santa Maria, que de Deus és Mãe,
agora e quando findem nossas dores,
roga, pede por nós, os peccadores.
Amen!

Thomaz Ribeiro.

—

Humorismos:

Encontravam-se ha algum tempo em um wagon varios presumidos, d'esses que se mostram como *mofadores de officio*, e estando, como parecia, discutindo entre si, acertou de entrar um sacerdote.

—Oh senhor cura, disse um com muita cortezia. V. Rev.ma sem duvida, saberá a grande noticia?

—Não, senhor; replicou o sacerdote, eu não leio os periodicos.

—Como não ha de saber isso, se hoje não se falla d'outra cousa?

—Pois francamente lhe digo que não sei a que V. se refere.

—Então tenho a honra de communicar-lhe a grande nova... morreu o diabo!...

—Caramba!—contestou o sacerdote. Sinto o por V., pois sempre me movem á compaixão os orphãos; receba o senhor esta moeda de dois tostões em prova do meu sentimento...

RETROSPECTO DA QUINZENA

Os mezes conservam ainda os nomes que lhes deu a antiguidade. E a rasão é porque o homem envelhece, tendo aprendido pouquissimo, ou nada. E assim, consagramos á destruição, á guerra, este mez de março, em que tudo resuscita, ou quer resuscitar!

Modifica-se agora a temperatura, a seiva descendente principia a subir, os ramos das arvores vestem-se de verdura, as flores começam a aformosear os campos. Tudo accorda, o coração dilata-se, os sentidos expandem-se, e o cerebro povôa-se de pensamentos tão bellos como as flores dos campos.

E era este o mez consagrado ao deus da guerra!

Coutinua a trabalhar se activamente em Leiria em prol da restauração do seu antigo bispado.

Uma grande commissão de sacerdotes e leigos, que se reuniu com a direcção da Associação Commercial de Leiria, fixou o dia 3 de março para uma grande reunião, na qual os parochos adentro da area do antigo bispado apresentarão as representações devidamente assignadas dos seus parochianos, afim de se resolver o seu melhor destino.

Eis, pois, o primeiro trabalho pratico d'esta campanha.

E' necessario agora não recuar no caminho encetado, se é que o povo das margens do Liz quer sahir triumphante da pugna alevantada que encetara, já agora que os venerandos prelados de Lisboa e Coimbra são sympathicos a esta causa.

Acabamos de receber o relatorio do Patronato do Porto, concernente aos actos do primeiro anno da sua gerencia (1903).

Para fazer ideia do fim altamente humanitario d'esta instituição, extrahimos do presente relatorio o trecho seguinte:

«Durante este primeiro anno do seu exercicio, a commissão, occupada em trabalhos de installação e expediente, privada de recursos sufficientes para alargar a sua acção na medida das necessidades que se propõe remediar e embaraçada por outros obstaculos difficeis de remover, pouco fez, a despeito da sua boa vontade. Limitou-se a soccorrer pecuniariamente diversas creanças filhas de condemnados, por não poder prestar ás respectivas familias outros soccorros mais consentaneos com o fim do Patronato; em julho internou no Asylo Proficional do Terço uma outra creança que, pouco tempo depois, e a seu pedido, foi com seus paes para o degredo.

Deliberou recentemente internar mais algumas creanças em estabelecimentos de caridade e continuar a sua protecção a um chefe de familia, condemnado em pena já soffrida por abuso de confiança, o qual tem dado e continua a dar boas esperanças de completa regeneração.

A receita do Patronato foi de reis 612$000, incluindo o subsidio do governo. E a despeza foi apenas do reis 110$150. Esta receita será, todavia insufficiente para occorrer ás despezas que hão de crescer na razão directa da actividade que a commissão vae desenvolver de futuro.»

A commissão do Patronato é assim composta: Presidente, D. Antonio, Bispo do Porto: vice presidente, dr. Adolpho Pimentel, governador civil; vogaes: D. Antonia Ferreira de Lima, D. Branca Avides, D. Capitolina Pinto da Fonseca Novaes, D. Maria da Graça de Oliveira Monteiro, D. Maria Michon Mourão, Conselheiro João Candido Furtado d'Antas, Presidente da Relação do Porto; dr. Antonio Ferreira Augusto, Procurador Regio; Conselheiro José Augusto Correia de Barros, par do reino; dr. Manoel de Souza Avides, presidente da camara; dr. José Antonio Forbes de Magalhães, provedor da Misericordia do Porto; dr. José Rodriguee d'Almeida Ribeiro, juiz de direito do 1.º districto criminal; João Baptista de Lima Junior, Anthero Ferreira d'Araujo e Silva, Antonio José Gomes Samagayo e Manoel Francisco da Costa; secretario, padre Julio Cesar da Costa Maia.

Por toda a parte trabalha-se activamente afim de dar cumprimento ao Motu-Proprio de S. Santidade ácerca da Musica sacra. Não ha catholico algum, cremos, que não anceie pela completa restauração da musica religiosa nos templos.

Sabemos que o nosso venerando Prelado já nomeou uma commissão de ecclesiasticos entendidos afim de resolver n'esse sentido. Bem haja S. Exc.ª por isso.

Havemos de insistir no assumpto, que é deveras sympathico.

Antonio Maura

Damos hoje aos nossos leitores o retrato de D. Antonio Maura, presidente do conselho de ministros, em Hespanha.

E' merecedor o illustre estadista hespanhol de que se lhe preste esta homenagem nas columnas d'uma revista catholica, porque é um homem de firmes crenças religiosas, que não se envergonha de as confessar publicamente.

Na questão violentamente debatida no parlamento hespanhol ácerca da nomeação do P. Nozaleda para Arcebispo de Valencia, Maura mostrou-se d'uma impavida coragem. A maçonaria accusava Nozaleda de ter faltado aos seus deveres de patriota nas Philipinas; Maura, porém, provou que todos os desastres da Hespanha nas Philippinas foram devidos á maçonaria que atraiçoou a patria. A este respeito a resposta que dera a Morayta é extraordinariamente esmagadora. Quando accusavam Nozaleda de fazer abortar a missão Parlae que tinha por fim resgatar os prisioneiros hespanhoes, Maura provou que quem fizera tal fôra a maçonaria por intermedio d'um correligionario de Morayta, o pedreiro-livre Pedro Sastro.

Provou ainda com documentos insuspeitissimos que os mações foram que entregaram Cuba e as Philippinas aos americanos.

Foi brilhantissimo o exito alcançado pelos monumentaes discursos de Maura. A maçonaria quer obrigal-o a demittir-se, mas este estadista de rija envergadura, declarou mui peremptoriamente que havia de sustentar-se no poder emquanto tivesse a confiança da corôa, porque os interesses da patria assim o exigiam.

O illustre Bispo de Meliapor, o Ex.mo e Rev.mo Snr. D. Theotonio Manoel Ribeiro Vieira de Castro publicou uma pastoral, que recebemos, intitulada «O anno marianno», acompanhada da respectiva versão ingleza.

E' mais um padrão do acendrado zelo evangelico que s. ex.ª espalha pelas terras indianas, tão cheias de tradicções religiosas e guerreiras dos nossos maiores.

A s. ex.ª, uma das glorias do episcopado portuguez, enviamos os nossos mais respeitosos preitos de homenagem.

Mais uma vez, n'estes tempos de civilisação e de luz, se abriu o templo de Jano, isto é, se desenrola a guerra, com todo o seu dantesco scenario de horrores.

Duas nações civilisadas, a Russia, que ainda ha bem pouco tempo propunha ás potencias o sonho utopico da paz universal, e o Japão, que apesar de ser a nação d'uma raça inferior, a amarella, tem acompanhado nos ultimos

tempos o evolutir vertiginoso da civilisação moderna, degladiam-se actualmente, no extremo oriente, n'uma pugna vergonhosa de cannibaes.

A civilisação, na sua marcha grandiosa de altruismo, e com o seu lemma de liberdade, egualdade e fraternidade escripto nos seus estandartes, não conseguiu ainda apagar de vez essa eterna vergonha — a guerra...

E quando o conseguirá?

—

Enviamos as nossas mais sinceras e enthusiasticas felicitações ao nosso presadissimo collega *Echos de Roma*, pela sua entrada no 2.º anno de publicação.

Oxalá seja mui longa e sempre brilhantissima como o tem sido até agora a existencia d'este distincto collega.

—

São tão raros os exemplos de protecção á imprensa catholica, e denotam por parte de quem os pratica o maior desinteresse e desprendimento que callar os seus nomes seria commetter uma criminosa ingratidão. E' por isso que vamos hoje gravar n'estas columnas um nome que nos é immensamente grato, por, como correspondente nosso, haver-nos prestado um assignalado serviço, d'estes que obrigam á mais perduravel memoria, como o d'um benemerito da imprensa catholica. E' o do ex.mo snr.

Benedicto José Augusto d'Avila

de Angra do Heroismo (Seminario).

A este digno cavalheiro deve o *Progresso Catholico* o importantissimo donativo de 15 assignaturas effectivas.

Eis uma radiosa acção digna dos mais calorosos encomios, que aqui exaramos para exemplo o estimulo para aquelles que parecem não comprehender a alta missão da imprensa catholica, e o auxilio que os catholicos devem a ella.

Pela nossa parte agradecemos sinceramente o valiosissimo auxilio que acabamos de receber d'este nosso benemerito, que o céu lhe retribuirá enchendo-o de bençãos.

—

Recebemos e agradecemos:

— O opusculo «Nos actos judiciaes» publicado pela *Bibliotheca Popular de Legislação*, rua de S. Mamede, 37 — Lisboa.

Contém: Pagamento de Emolumentos, Contribuição Industrial, Sêllo de recibos, etc. (Decreto de 24 de dezembro de 1903). Regulamento das estampilhas fiscaes. (Decreto de 24 de dezembro de 1901). Regulamento da cobrança dos Emolumentos Judiciaes e do Ministerio Publico que constituem receita do Estado. (Decreto de 24 de setembro de 1902). Aferições de pesos e medidas. (Portarias de 30 de dezembro de 1903 e 4 de janeiro de 1904).

Custa apenas 150 réis.

—Os fasciculos n.os 8 e 9 da Theologia Moral Universal de Pedro Scavini.

—O n.º 4 do IV anno da brilhante revista mensal «Santa Cruz», publicação do Lyceu do Sagrado Coração, de S. Paulo — Brazil. Vêm primorosissimo e justifica os seus creditos como a mais notavel revista que se publica em lingua portugueza.

—Tambem temos recebido regularmente os nossos presados collegas: *Novo Mensageiro do Coração de Jesus; Revista Catholica; Revista Popular; Voz de Santo Antonio; Ecco Franciscano; Petardo; Eccos de Roma e Boletim Salesiano.*

Necrologia

—

Finou-se na Covilhã em o dia 19 de fevereiro proximo passado o nosso respeitavel amigo e antigo assignante, o snr. dr. José Mendes Alçada de Paiva, advogado n'aquella cidade.

Homem d'um caracter diamantino, trabalhador infatigavel, e sinceramente catholico, deixara após si o mais vivo clarão d'uma saudade profunda. A sua morte foi tão sentida na Covilhã, que todos, sem excepção de classe ou condição, lhe fizeram os mais imponentes funeraes.

Que Deus se amerceie, pois, da alma do saudoso extincto.

— Tambem no dia 8 de janeiro falleceu em Villa Viçosa o nosso amigo e assignante Rev.mo snr. Padre Antonio Joaquim da Rocha Espanca.

Fôra em vida um sacerdote exemplar e extremamente cumpridor dos deveres inherentes ao seu munus, pelo que foi muito chorada a sua morte.

— Terminamos esta necrologia, endereçando o nosso cartão de sentidos pesames ao nosso particular amigo snr. Padre Manoel Ayres Cardoso, pelo fallecimento de sua extremosa mãe, occorrido na sua casa da Infesta, freguezia d'Avelleda — Louzada.

Cumprindo um dever essencialmente christão, recommendamos ás orações dos nossos piedosos leitores todos estes saudosos extinctos.

Aos nossos distinctos collaboradores

—

Animados pelo bello exito do nosso numero commemorativo do *Natal*, resolvemos fazer outro solemnisando a *Semana Santa*. Desde já pedimos a valiosissima cooperação dos nossos distinctos collaboradores para este fim, confiado como estamos no seu auxilio precioso.

EXPEDIENTE

—

Lembramos áquellas pessoas que têm recebido n.os successivos do nosso jornal, não os devolvendo, que ficam considerados assignantes para os devidos effeitos, favor que desde já muito agradecemos.

—Pedimos encarecidamente ás pessoas a quem temos enviado o nosso jornal pela primeira vez, que no caso em que não nos queiram honrar com a sua assignatura, nol-o devolvam o mais breve possivel afim de nos evitarem despezas.

—Aos nossos assignantes que lhes faltem algum numero já publicado, pedimos que nol-o reclamem desde já.

—Lembramos tambem que o pagamento das assignaturas é adiantado, conforme o indicam as suas condições, por isso pedimos encarecidamente que o façam desde já.

— Aos distinctos cavalheiros e senhoras que nos tem honrado com o precioso auxilio da sua assignatura, e muito particularmente a quem nos tem dtrigido palavras de louvor e incitameato, extremamente penhorados enviamos um affectuoso—muito obrigado.

VIDA

— DE —

SANTA CATHARINA DE GENOVA

Com a noticia e declaração do Tratado do Purgatorio e do Dialogo composto pela mesma Santa

POR

ALEXANDRE MAINERI, S. J.

No proximo numero começa o "Progresso Catholico„ a publicar em "addenda„ a

Vida de Santa Catharina de Genova

O grande exito obtido pela *Vida do Patriarcha S. José* que hoje fica concluida levara-nos a escolher a vida d'esta prodigiosa eleita para o substituir, certos de que ha de ter o mesmo acolhimento lisongeiro senão maior ainda.

A

Vida de Santa Catharina de Genova

é a historia circumstanciada d'esse portento admiravel de sabedoria e santidade que assombrou o mundo com o seu viver sobrehumano e peregrinas virtudes.

Vidente extraordinaria, as suas visões são o que ha de mais orthodoxo sobre o assumpto, pela grandiosidade da demonstração, e sublimidade de pensamentos.

Com a publicação da

Vida de Santa Catharina de Genova

estamos certos prestar um bom serviço á litteratura religiosa pela divulgação de mais um optimo livro, que muito bem ha de produzir.

Segue-se a enumeração dos capitulos de que se compõe a

Vida de Santa Catharina de Genova

CAPITULO I—Noticias preliminares.

CAP. II—Nascimento e primeira idade de Santa Catharina.

CAP. III—Santa Catharina toma o estado matrimonial: successos do dito estado e pia morte do seu Consorte.

CAP. IV—Prodigiosa conversão de Santa Catharina; admiravel divina conducta no governo do seu espirito.

CAP. V—Jesus Christo com a cruz ás costas se faz ver a Catharina; vida austera da mesma Santa.

CAP. VI—Novos e particularissimos favores, feitos por Deus a Santa Catharina, e o seu jejum milagroso.

CAP. VII—Começa Santa Catharina a exercitar-se em obras de caridade com o proximo.

CAP. VIII—Dedica-se totalmente Santa Catharina ao serviço do Hospital de Pammatone.

CAP. IX—Com que frequencia e devoção recebia Santa Catharina a Jesus sacramentado.

CAP. X—Dom de oração, extases, e finezas do Amor de Deus em Santa Catharina.

CAP. XI—Doutrina prodigiosa e sublime de Santa Catharina.

CAP. XII—Afflicção de Santa Catharina, por se ver privada de guia humana, e Director que lhe dá o Céo.

CAP. XIII—Pia memoria de algumas pessoas discipulas de Santa Catharina.

CAP. XIV—Padece excessivamente Santa Catharina; maravilhosos accidentes nos annos do seu amoroso martyrio.

CAP. XV—Noticia e explicação do Tratado do Purgatorio, composto por Santa Catharina.

CAP. XVI—Compendio do Dialogo entre a alma e o corpo; fim que teve Santa Catharina em compol-o.

CAP. XVII—Ultima e dolorosissima enfermidade de Santa Catharina, e sua preciosa morte.

CAP. XVIII—Exequias e sepultura de Santa Catharina, cuja gloria publíca o Céo por varios modos.

CAP. XIX—Culto de Beata dado a esta Serva de Deus, e o seu progresso até á solemne Canonização.

CAP. XX—Graças prodigiosas obradas por intercessão de Santa Catharina.

CAP. XXI—Conceito grande, que se tem feito no mundo das virtudes de Santa Catharina, e dons sublimissimos, que Deus lhe communicou.